

A verdade e a mentira nos reinos da realidade e da ficção

Discurso proferido em 17 de março de 2016, por ocasião dos festejos comemorativos do 58º aniversário da UBE, na Casa Rosada da Rua Santana, quando, além da admissão do comendador Leonardo Dantas na Ordem do Mérito Literário Jorge de Albuquerque Coelho e da formalização do Ano Tarcisio Pereira, a União Brasileira de Escritores empossou novos diretores e incorporou os escritores Jair Martins, Eugenia Menezes e Edson Luiz no Quadro de Oblatus Literis.

Alexandre Santos*

Minhas senhoras e meus senhores,

Hoje, como ‘União pelas Letras’ faz tradicionalmente, a UBE comemora festivamente a passagem de mais um ano desde a sua fundação, ocorrida no longínquo 1958, quando pernambucanos, cariocas e paulistas inauguraram uma nova fase da representação política dos escritores brasileiros, substituindo o antigo modelo adotado pela ABDE - Associação Brasileira de Escritores por este que funciona atualmente, baseado em uniões estaduais de escritores (e que, todos concordam, também já exauriu sua vitalidade).

Neste momento, aproveitando a alegria da admissão do escritor Leonardo Dantas na Ordem do Mérito Literário Jorge de Albuquerque Coelho – galardão máximo que a UBE pode conceder a um escritor e que, aos nossos olhos, representa o prêmio maior da literatura brasileira, já atribuído aos escritores Ariano Suassuna, Fátima Quintas, Gilvan Lemos, Marcus Accioly, Raimundo Carrero, Waldênio Porto, Olímpio Bonald Neto, Edson Nery da Fonseca, Gilberto Freyre, Alexandre Santos, Frederico Pernambucano de Melo, Anna Maia César, Melchíades Montenegro e Lúcio Ferreira –,

a UBE vai formalizar o início do Ano Tarcisio Pereira, em homenagem ao editor e livreiro Tarcisio Pereira, que, assim, se insere na galeria especialíssima onde já estão o artista plástico Abelardo da Hora e o escritor Tavares de Lima.

Dando largada ao Quadro Especial dos Oblatus Literis, pessoas que dedicam parte de suas vidas ao funcionamento da Casa do Escritor Paulo Cavalcanti, em especial à conservação e à manutenção da Casa Rosada da Rua Santana, a UBE vai homenagear os escritores Jair Martins, Edson Luiz Marques e Eugênia Menezes - verdadeiros motores do nosso dia-dia.

e, finalmente, vai apresentar os escritores Leda Selaro, Lúcia Cardoso, Diana Rodrigues, Francisco Nóbrega, Edson Luiz Marques, Amaro Poeta e Zélia Prímola, que passaram a integrar a diretoria executiva e temática da entidade.

Vale reiterar, minhas senhoras e meus senhores, que nos momentos de festa, a União Brasileira de Escritores costuma proclamar ao País símbolos e modelos exemplares e o faz através de homenagens a personalidades e entidades distintas pelo valor e pela contribuição que oferecem à conquista de objetivos da coletividade. É neste sentido que devem ser compreendidas as deferências especiais feitas neste momento.

Nesta perspectiva, a UBE agradece aos escritores Leonardo Dantas, Jair Martins, Eugênia Menezes, Edson Luiz Marques e Tar-

císio Pereira pela oportunidade de homenageá-los e, com isso, dirigir mensagens sobre o bom e sobre o bem à sociedade brasileira.

Minhas senhoras e meus senhores,

Entre os artistas - incluindo, claro, aqueles que fazem da palavra a expressão do Belo - é comum considerações que, contrariando a lógica formal, destacam a estreita relação entre a verdade e a ficção, apresentando-as, muitas vezes, como faces de uma mesma realidade. Com esta perspectiva, ao contrário dos jornalistas - que buscam a verdade para relatar os fatos -, alguns escritores, sabendo que, muitas vezes, é mais fácil dizer a verdade através de mentiras, [alguns escritores] se especializam na produção de obras de ficção, conseguindo, de forma indireta, descrever duras realidades. Não é outra a fórmula seguida por ficcionistas que denunciam injustiças e defendem modelos políticos capazes, no seu entender, de solucionar problemas sociais e econômicos. Aliás, o universo artístico está repleto de obras que, deram origem a modismos libertários e causaram grandes impactos políticos, inspirando, impulsionando e representando movimentos mudancistas, sendo, direta ou indiretamente, responsáveis por grandes transformações. Esta é a razão de os artistas estarem sempre na alça de mira dos conservadores e serem sempre perseguidos pelos regimes autoritários e ditatoriais.

Vale dizer que o inverso também é possível e enseja o uso das técnicas da arte por experts que se aproveitam da estreita relação entre a verdade e a ficção para embasar irrealidades convincentes, manipulando a percepção e, mesmo, o inconsciente das pessoas para obter vantagens.

De fato, da mesma forma que, no campo das artes, os artistas podem usar os sons, as cores, os cheiros, os toques, os movimentos, as consistências, os sabores, as temperaturas, as formas, as mágicas, as palavras, enfim as matérias primas da arte, para pregar santas mentiras capazes de criar para-realidades artísticas fincadas na beleza, no terreno das concretudes, experts podem lançar mão daqueles mesmos recursos para criar irrealidades convincentes para dar a impressão de existência algo que não existe e, deste modo, induzir reações e comportamentos a serviço de interesses da sua conveniência. Esta manipulação explica, por exemplo, a salvação de alguém que, sem saber do fechamento do restaurante, sente fragrâncias artificiais aspergidas na cozinha inativa pelo manipulador que deseja dar a impressão de que quitutes estejam sendo preparados.

Criar irrealidades convincentes não é o affair de escritores e jornalistas e, sim de profissionais que atuam nos campos da publicidade, do marketing e da propaganda.

Não é incomum manipuladores usarem elementos da ficção (em todos os campos da arte) para descrever irrealidades, criando

um universo paralelo com mentiras baseadas em meias verdades. Agindo dessa forma, ao invés de mostrar o mundo tal como ele é, como fazem os jornalistas, ou o mundo tal como poderia ser, como fazem os artistas, manipuladores mostram um mundo-mentira como se mundo-verdade fosse, iludindo a boa fé das pessoas, numa farsa tanto mais eficaz quanto mais intensa for a saturação neurolinguística da informação, desinformação ou deformação que plantam no imaginário das pessoas.

Esta corrupção ocorre com destaque no vasto campo do livro e da leitura, onde, ao lado de publicações artísticas, que podem usar a mentira como método de mostrar realidades, e publicações jornalísticas, que rejeitam a mentira como instrumento de revelação da verdade, circulam obras publicitárias travestidas de jornalísticas, que, escamoteando os fatos, trabalham com a ficção e usam (e abusam) de meias verdades (e, mesmo, de mentiras e meias mentiras) para vestir de realidade o mundo irreal que criam. Tendo sempre o interesse dos manipuladores como pano-de-fundo, este tipo de estelionato é possível pelo uso da palavra com o objetivo de veicular mentiras, invencionices ou meias verdades. Aliás, não podemos esquecer de que, como as demais matérias primas da arte, a palavra é maleável e, por isso, pode ser deturpada, inclusive para dizer coisas distintas do seu significado original ou, mesmo, para descrever mentiras

como se verdades fossem com o objetivo de iludir as pessoas e produzir resultados nem sempre publicáveis ou publicanos.

Mas, diante da possibilidade da manipulação da palavra e do uso inadequado da ficção, não para criar para-realidade artística, mas, sim para criar irrealidades travestidas de realismo capaz de interferir na capacidade de julgamento ou no comportamento das pessoas, como distinguir o real do virtual? A resposta não é fácil, especialmente pela base científica como é feita a manipulação da arte e da informação e pelo nível de saturação como as ideias são plantadas. Muitas vezes, o condicionamento da irrealidade é tão profundo que não basta o desmentido por quem conhece a realidade. Nestes casos, os prejudicados costumam recomendar o recondicionamento através das técnicas reversas - um método perigoso, pois veicula um outro condicionamento, o que, jamais esqueçamos, pode ser igualmente nefasto.

Na realidade, o método mais eficiente de identificação da deturpação da realidade consiste na restauração da capacidade de julgamento e confiança da pessoa - uma condição que, muitas vezes, depende do isolamento e, conseqüente, desintoxicação das mentiras nela plantadas pelos manipuladores. Uma pessoa que passa algum tempo sem ver televisão, ouvir rádios ou ler revistas e jornais, expurga, naturalmente, muitos conceitos e preconceitos, restaurando a

capacidade de julgamento e estabelecendo parâmetros para realidade circundante.

Como o isolamento abrupto e radical é muito difícil, especialmente nos dias de hoje, na tentativa de restabelecimento da sanidade, a pessoa pode adotar um programa progressivo de desmame dos veículos publicitários que se dizem jornalísticos. Pode parecer difícil, mas não custa tentar. Afinal de contas, o mundo pode ser mais bonito do que aquele que querem nos fazer crer.

Minhas senhoras e meus senhores,

Confiando no livro e na leitura, não só como elementos de entretenimento, mas, sobretudo, como instrumentos de libertação, a UBE defende que todos leiam e leiam muito e, neste momento de alegria, adverte que a plena superação do analfabetismo só ocorre quando, além de compreensão dos textos, o homem consegue identificar e distinguir a para-realidade artística, a realidade jornalística e a irrealidade convincente. Enquanto estiver com a capacidade de julgamento embotada pela manipulação da informação e não conseguir identificar a irrealidade que lhe turva a razão, não poderá ser considerado alfabetizado e, pior, correrá o risco de servir como inocente útil de causas que, nem sempre, concorda.

Como já afirmei em outras oportunidades, a leitura é fundamental para desenvolvimento cultural da nação e para o amadureci-

mento político do País. Uma sociedade que lê e compreende o que lê é mais resistente às manipulações e não funciona como presa indefesa ou inocente útil nos processos de envolvimento, inclusive nos atentados à língua pátria. Por tudo isto, a UBE consagra a leitura não é apenas o campo de realização daqueles que escrevem, mas, também, como um instrumento de luta em defesa da herança literária, histórica, científica e artística do País, das tradições e da língua pátria, das liberdades democráticas e da solidariedade internacional dos povos. É preciso que todos leiam e leiam muito, inclusive como forma de democratizar o direito à informação e à comunicação de massa.

Muito obrigado.

(*) Alexandre Santos é presidente da União Brasileira de Escritores (UBE)